Por representar a transgressão de algum valor moral, ético, legal ou religioso, o mal sempre foi um assunto complexo para o ser humano – portanto, é um tema caro à literatura. Este tema ocupa um espaço especial na obra do escritor Henry James, que viveu em uma época de mudanças nos paradigmas sociais, e cujo estilo filosófico e sutil propicia um ângulo de abordagem que é centrado na percepção dos personagens, na sensação e na experiência de quem sofre e de quem comete a agressão. O mal, na concepção de James, é obscuro e indefinido; com frequência seus personagens ficam expostos a ele sem sequer perceber. Em uma de suas novelas mais comentadas, *A outra volta do parafuso*, nos confrontamos com uma narrativa intrigante e aberta em que possivelmente dois fantasmas assombram duas crianças e sua preceptora. Ao longo dos anos, duas correntes de interpretação vêm dividindo opiniões: os aparicionista acreditam que os fantasmas são uma realidade naquele universo ficcional, enquanto os não-aparicionistas acreditam que sejam alucinações da mente da narradora. A forma como o mal é simbolizado na novela é crucial para essas duas explicações e, até mesmo, para uma síntese das duas visões. Se optarmos pela interpretação aparicionista, o mal se apresenta como uma força exterior dominando a propriedade de Bly; se considerarmos a visão não-aparicionista, então o mal se encontra dentro da preceptora, que, mesmo se esforçando para agir corretamente, comete as transgressões. O presente trabalho busca identificar na obra *A outra volta do parafuso* como se constitui o simbolismo do mal, considerando a nova estética modernista de James e o paradigma moral da virada dos séculos dezenove para vinte. Para tal, farei uso de aspectos da teoria de Paul Ricoeur, um filósofo que se recusa a abordar este tema através de conceitos sistemáticos, optando por estudar como ser humano a simboliza e representa. Para Ricoeur, símbolo é signo opaco, que não indica uma coisa, mas aponta para algo que aquilo simboliza. Para ele, a melhor forma de exemplificar e explicar essa opacidade do símbolo é através da simbólica do mal, na análise das figuras de *mancha*, *pecado* e *culpabilidade*, divididos em dois esquemas: exterioridade e interioridade. A atual pesquisa investiga como esses diferentes simbolismos do mal estão presentes na narrativa de Henry James, relacionando-os diretamente com as duas principais vertentes críticas. O trabalho aponta como a noção de mal do leitor, assim como sua identificação ou não com o ponto de vista narrativo, influencia sua leitura dos fatos ficcionais. Fica assim evidenciado o quanto, através dos recursos estilísticos de James, a riqueza dessa história está justamente nas várias possibilidades de leitura e interpretação, que ficam prejudicadas cada vez que as tentamos conter em um sentido único do texto. Ao final da investigação, espero evidenciar o quanto é útil e atual a contribuição de Henry James para a discussão sobre a natureza imanente ou transcendente do mal em nossa cultura e em nosso tempo.